

RESENHA DO LIVRO TRANSIÇÃO PARA A VIDA ADULTA OU VIDA ADULTA EM TRANSIÇÃO?

BOOK REVIEW
TRANSIÇÃO PARA A VIDA ADULTA OU VIDA ADULTA EM TRANSIÇÃO?

Lília Maria Silva Macêdo*

Referência completa da obra resenhada: CAMARANO, Ana Amélia. **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: Ipea, 2006.

Que vai ser quando crescer? vivem perguntando em redor. Que é ser? É ter um corpo, um jeito, um nome? Tenho os três. E sou? Tenho de mudar quando crescer? Usar outro nome, corpo e jeito? Ou a gente só principia a ser quando cresce? (...)

Carlos Drummond de Andrade. Verbo ser, 1973.

Alguns livros possuem títulos que conseguem traduzir em poucas palavras as ideias mais complexas e os sentidos mais profundos que são extensamente elaborados ao longo das suas páginas. Creio que entre esses livros está a obra *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?*, organizada por Ana Amélia Camarano e publicada em 2006, na qual se reúnem contribuições de diversos pesquisadores da área das Ciências Sociais. Por isso, inicio a análise dessa obra propondo uma breve reflexão sobre o seu título.

De acordo com sua definição mais elementar, a juventude pode ser designada como o período da vida humana que corresponde à passagem da infância para a idade adulta. Para muitos jovens, este é um momento crucial para a definição dos rumos de sua trajetória, na medida em que se estabelecem as bases segundo as quais o jovem vai, aos poucos, ingressando na vida adulta. No sentido destas perspectivas, no decorrer dos capítulos que compõem a obra, elaborase um quadro das condições sociais da juventude brasileira na contemporaneidade a partir da análise do processo de *transição para a vida adulta*, como é indicado na primeira parte de seu título. A riqueza analítica deste ponto de vista reside em considerar a juventude de maneira integrada com as demais fases que formam o ciclo da vida humana, permitindo uma compreensão mais ampla e complexa das trajetórias sociais.

Para conduzir essa análise, nos primeiros trabalhos apresentados, selecionaram-se alguns eventos que podem ser tomados como marcos do processo de transição da juventude para a maturidade por se tratarem de experiências que possibilitam ao jovem desempenhar papéis sociais relacionados à condição adulta, mas que não são, necessariamente, compreendidos desta forma pelos jovens que os vivenciam. Nesse sentido, os acontecimentos destacados são: a saída

da escola, colocando fim a vida estudantil que pode representar uma longa preparação intelectual e profissional; a entrada no mercado de trabalho, que em alguns casos contribui para consolidar a independência econômica do jovem em relação à sua família de origem; a união conjugal, por meio da qual o jovem inicia a formação de uma nova família; a saída da casa dos pais ou responsáveis para habitar em outro domicílio e a experiência da paternidade/maternidade, que torna o jovem potencialmente responsável pela formação social de outros sujeitos.

Esses eventos são como parâmetros utilizados para orientar a investigação, mas não se constituem como um caminho rígido seguido pelos jovens em direção à vida adulta. Pelo contrário, os estudos expostos em cada capítulo nos revelam que são extremamente variados os percursos traçados pelos jovens brasileiros na atualidade e que são inúmeras as possibilidades de realização desta passagem. Portanto, ao debruçar-se sobre o processo de *transição para a vida adulta* o livro coloca em primeiro plano a multiplicidade de experiências que costuma ficar oculta sob a categoria *juventude*.

As diversas formas de se *tornar* adulto estão, em alguma medida, relacionadas às diversas formas de *ser* adulto que são gestadas no seio das sociedades em constante transformação. *Vida adulta em transição* é, portanto, a expressão que completa o título do livro, apontando que, no contexto atual, a condição adulta não possui contornos nítidos e bem definidos, podendo assumir formas distintas. Para muitos indivíduos, a idade adulta não se apresenta como um momento estável de suas trajetórias como se tivessem alcançado posições sólidas. Logo, não só a juventude pode ser encarada como um processo em aberto no qual as escolhas, definições e soluções no curso da vida individual ainda estão para serem feitas, como também a fase adulta pode apresentar este caráter amorfo e permeado por indefinições e incertezas.

Inseridos em um quadro social marcado por profundas desigualdades, alguns jovens brasileiros se encontram em condições que contrastam profundamente com a de outras pessoas da sua idade. Assim, a análise do ciclo de vida de diferentes segmentos da população brasileira é o primeiro fio condutor que nos leva a percorrer essas variadas formas de realização da transição para a vida adulta. É para essa direção que se encaminham os trabalhos que iniciam o livro e que foram desenvolvidos por pesquisadoras com experiência no campo dos estudos populacionais. Ana Amélia Camarano, Juliana Leitão e Mello e Solange Kanso utilizam os dados dos censos de 1980 e 2000 para empreender esta pesquisa.

A comparação do ciclo de vida da população masculina com o da população feminina nos revela dados que estão em afinidade com as formulações tradicionais dos papéis de gênero, segundo as quais os homens possuem uma maior inserção na vida pública e as mulheres ficam mais reclusas ao ambiente doméstico. De acordo com o estudo, a vida adulta dos homens brasileiros é fortemente caracterizada pelo trabalho, enquanto a maternidade e o casamento são os eventos que marcam a vida adulta feminina. No período estudado, verificaram-se pequenas reduções nas taxas de participação dos homens nas atividades econômicas, que não significaram,

portanto, uma transformação profunda nesse cenário. Por outro lado, houve um expressivo incremento da atuação feminina no mercado de trabalho, por mais que esta ainda seja inferior a constatada para os homens. Isso nos permite afirmar que muitas jovens estão transitando para a vida adulta pela via do trabalho, que pode passar a ocupar um espaço importante em suas vidas. Contudo, é preciso destacar que o investimento mais intenso nessa esfera torna-se difícil para mulheres que continuam sendo as principais responsáveis pelas atividades domésticas e pelo cuidado dos filhos.

É importante ainda ressaltar um fator que atingiu significativamente a população jovem masculina nas últimas décadas do século XX. Trata-se dos altos índices de morte por homicídio, conforme nos indicam os dados trabalhados por Helder Ferreira e Hertton Ellery Araújo em um capítulo voltado para este tema. Como consequência, processos de transição para vida adulta são bruscamente interrompidos para uma série de jovens que trilham seus caminhos no contexto da violência urbana atual. A investigação dos fatores que contribuem para compor este quadro de violência, bem como a investigação da forma como os homens jovens nele se inserem, é fundamental para a busca de soluções que revertam estes números.

Do norte ao sul do país, as condições de vida das populações situadas nas mais diversas localidades do território nacional podem ser amplamente distintas. Como resultado de um longo processo histórico e social que concentrou dinâmicas econômicas e políticas em determinadas regiões, criaram-se profundas disparidades regionais. Essas diferenças também se expressam na configuração do ciclo de vida destas populações, como é colocado em evidência por mais um dos trabalhos que integra a obra. Traçando uma comparação entre as regiões Sudeste e Nordeste, as autoras destacam que os residentes do Sudeste possuem, comparativamente aos residentes do Nordeste, maior expectativa de vida, maiores taxas de frequência à escola, maior escolaridade e maiores taxas de participação no mercado de trabalho para homens e mulheres.

Quando são examinadas as características do ciclo de vida da população dividida entre brancos, pretos e pardos, as diferenças encontradas revelam, justamente, as desigualdades constituídas historicamente entre estes grupos sociais. Os brancos possuem uma expectativa de vida maior, escolaridade mais elevada e maiores taxas de participação no mercado de trabalho do que os pretos e pardos. Portanto, dentre os jovens negros e nordestinos, muitos realizam a passagem para a vida adulta em meio a um contexto de adversidades socioeconômicas que pode colocá-los à margem do sistema escolar e da esfera do trabalho.

Alguns dos dilemas e conflitos vivenciados pelos jovens dos dias atuais podem estar muito distantes daqueles que foram experimentados pelos jovens das gerações anteriores, uma vez que eles se deparam com diferentes circunstâncias e estruturas sociais. A sociedade brasileira passou por importantes transformações ao longo das últimas décadas que alteraram as relações em diversas esferas sociais pelas quais os jovens transitam, como a esfera da educação, do trabalho e da família. Assim, em um segundo momento da análise exploram-se as modificações que o processo de transição da juventude para a vida adulta sofreu no decorrer desse tempo,

apontando para as novas tendências que passam a influenciá-lo. Para isso as autoras realizam uma comparação entre as características do processo de transição vivenciado pela população jovem de 1980 e aquele experimentado pela população jovem de 2000.

Como afirmado, a saída da escola e a entrada no mercado de trabalho é um dos movimentos que caracterizam o processo de inserção na vida adulta, uma vez que a escola está fortemente associada ao universo infantil e juvenil, e o trabalho, ao universo adulto. Todavia, no contexto histórico brasileiro, foi somente a partir da década de 90 que ocorreu uma expressiva ampliação do acesso à educação tanto no nível básico quanto no ensino médio. Isto nos leva a crer que para muitos jovens de períodos anteriores, a experiência escolar era muito reduzida e a atuação no mercado de trabalho se dava desde cedo.

Em 1980, mais da metade dos jovens do sexo masculino já havia deixado a escola e se dedicava ao trabalho. Entretanto, em 2000, um número menor de jovens se encontrava nessa situação, apesar de esta ainda ser a condição predominante desta população. Esse dado indica que, para muitos deles, ocorreu um adiamento da entrada no mercado de trabalho, o que pode estar relacionado tanto com o aumento da dedicação aos estudos quanto às dificuldades para a obtenção de empregos, os quais passam a demandar maior qualificação profissional. No caso das mulheres jovens, observamos o movimento oposto, pois o número daquelas que apenas trabalhavam elevou-se nesses anos e tornou-se a condição predominante desta população, enquanto que o grupo das que não trabalhavam e não estudavam sofreu uma forte redução. Completando este quadro de mudanças, para os jovens de ambos os sexos constatou-se um aumento no número daqueles que estavam voltados apenas para o estudo e um incremento significativo no contingente dos que estavam envolvidos com essas duas atividades simultaneamente.

Enriquecendo o debate, em um capítulo dedicado à questão da educação, Felícia Reicher Madeira problematiza o impacto do aumento da escolarização na trajetória dos jovens brasileiros. A percepção que tem se desenvolvido, sobretudo nos países europeus, indica que as novas dinâmicas de organização do sistema produtivo - que requerem maior qualificação dos trabalhadores ao mesmo tempo em que reduzem a oferta de emprego - contribuíram para que parte dos jovens dedicasse mais tempo aos estudos e adiassem a entrada no mundo do trabalho, ampliando, assim, o período de tempo que corresponde à juventude. Em meio a essa discussão, a autora ressalta as especificidades do contexto social brasileiro, no qual, para muitos jovens, essa tendência de permanência no sistema escolar não foi acompanhada por um adiamento dos demais eventos da transição para a vida adulta. De acordo com os dados, para uma parte expressiva da população jovem, o primeiro emprego continua sendo obtido antes do término dos estudos. Logo, argumenta-se que no caso brasileiro o movimento que se destaca é o rearranjo da sequência com que os eventos se sucedem na passagem da juventude para a maturidade, enquanto que o fenômeno de *prolongamento da juventude* tem menor impacto.

Enfocando outro aspecto crucial do processo de transição, o estudo de Nadya Araujo Guimarães lança um olhar sobre os desafios enfrentados pelos jovens para obterem emprego. Muitos jovens, em suas primeiras experiências profissionais, buscam conhecer e se familiarizar com as diversas ocupações antes de se fixarem em um posto de trabalho. Dessa maneira, a instabilidade costuma ser apontada como uma característica dos percursos profissionais juvenis. Conforme essa visão, com o ingresso na vida adulta, espera-se que essa situação se modifique e os vínculos profissionais se tornem mais sólidos, duradouros e estáveis.

A partir de 1970, a organização do sistema produtivo passou por intensas transformações que repercutiram no mundo do trabalho. Nos grandes centros metropolitanos, a instabilidade se configura como uma característica constitutiva do mercado de trabalho, deixando de ser uma peculiaridade da trajetória profissional dos jovens e estendendo-se para a vida adulta. Assim, frustram-se as expectativas de estabilidade e coloca-se em risco o movimento de autonomia em relação à família que pode ser proporcionado pelo trabalho. Cria-se um contexto de crescentes dificuldades que nos leva a refletir a respeito das possibilidades e perspectivas profissionais que se colocam para os jovens brasileiros na atualidade.

No âmbito dessas pesquisas, um dado chama a atenção: um número significativo de jovens brasileiros não estava trabalhando nem estudando no ano de 2000. Como esses jovens realizariam a transição para a vida adulta estando fora da esfera da escola e do trabalho? Um dos capítulos da obra gira em torno justamente dessa questão. A pesquisa indica que grande parte dos jovens que estavam nessas condições eram mulheres com baixos níveis de escolaridade. Entre elas, muitas eram cônjuges, já tinham tido filhos e residiam em zonas rurais, vivendo em condições econômicas precárias. Essas características nos indicam que, para essas jovens, se tornar adulta pode estar mais relacionado com a formação de uma família, por meio do casamento e da maternidade, do que com a passagem da escola para o trabalho.

Ainda que em uma parcela menor, os jovens que não estão envolvidos com o processo de constituição de família também fazem parte desse grupo, o que significa que não participam de nenhum dos eventos selecionados para a análise do processo de transição. Resta saber sob que bases a passagem para a vida adulta se realizaria para eles. Ainda que sejam necessárias investigações mais profundas, duas explicações são possíveis: a inserção na vida adulta estaria sendo adiada, ou ela se daria por outras vias não previstas neste estudo e que estariam para além das esferas mais convencionais da família, da escola e do trabalho.

Ao formar uma nova família, o jovem passa a ocupar novas posições nas relações do núcleo familiar então constituído, o que o coloca mais próximo da condição social de adulto. Em outras palavras, deixar a casa dos pais, casar e ter filhos são eventos que se combinam no processo de constituição de família, que é outro importante eixo da transição para a maturidade. De acordo com a sucessão das gerações, os padrões de relacionamentos familiares e conjugais se modificaram e uma das transformações mais importantes foi a admissão - até certo ponto e em cada contexto - da atividade sexual e da maternidade/paternidade para além do âmbito do

casamento. Em virtude dessas novas dinâmicas, os eventos relacionados à constituição de família se combinam em ordens diversas na jornada dos jovens brasileiros, resultando em diferentes arranjos familiares.

Em relação aos eventos do casamento e da saída de casa, os dados do estudo mostram que residir com os pais e ser solteiro era a condição predominante dos jovens de ambos os sexos. Para os homens jovens, ocorreu uma leve ampliação deste grupo entre os anos de 1980 e 2000 e, ao mesmo tempo, reduziu-se ligeiramente o número daqueles que eram solteiros e não residiam com os pais. Verificamos, portanto, uma sutil tendência de adiamento da saída do domicílio da família de origem, que se revela com mais força quando observamos o significativo aumento no número de homens que não deixaram a residência de seus responsáveis até os 30 anos de idade. Elevou-se também o número daqueles que não se casaram até essa faixa etária. Diferente do verificado para os homens, entre as mulheres houve uma pequena redução no contingente de solteiras que moravam com os pais, mas a alteração mais significativa foi a diminuição na quantidade de mulheres casadas e que já haviam deixado de viver com a família de origem.

Seguindo essas tendências, de acordo com os dados apresentados em um capítulo dedicado à análise do processo de constituição de família entre os jovens, o percentual de *domicílios com jovens* (nos quais o jovem está na condição de filho) se manteve o mesmo nos anos considerados, enquanto o percentual de *domicílio de jovens* (nos quais o jovem desempenha o papel de chefe de família ou cônjuge) diminuiu consideravelmente.

Considerando mais detidamente as particularidades dos *domicílios de jovens*, os estudos apontam que a maior parte deles é formada por casais com filhos, apesar de se observar certa redução em sua quantidade nos últimos anos. Isso sugere que algumas destas famílias podem ser formadas por casais sem filhos ou jovens que residem sozinhos. Em consonância com os padrões de gênero tradicionais, na maioria dos casos são os homens que ocupam o papel de chefe nessas famílias e as mulheres ficam na posição de cônjuge. No entanto, nas décadas compreendidas entre 1980 e 2000, ocorreram reduções nesses números ao mesmo tempo em que aumentou o número de mulheres chefes de domicílio. Logo, os arranjos familiares tradicionais ainda se fazem muito presentes nas famílias constituídas pelos jovens, porém novas configurações para a organização familiar são moldadas, revirando os papéis de gênero convencionais.

Devemos acrescentar que mesmo nos *domicílios com jovens* identificou-se certo número de jovens que já tinham se casado ou tido filhos. Ou seja, esses eventos foram realizados antes que eles tivessem deixado de residir com seus pais, com os quais podem manter laços de dependência econômica. Essa situação pode estar relacionada com as dificuldades de acesso a moradia em nosso país. Se, por um lado, esses jovens já começam a assumir posições sociais atreladas ao mundo adulto ao iniciarem o processo de constituição de família pelo casamento ou

pela reprodução, por outro lado, nós podemos questionar até que ponto eles podem construir uma autonomia em relação à sua família de origem para a efetiva obtenção desse *status*.

Como por vezes mencionado, muitos jovens passam pela experiência de se tornarem pais e mães. É o que nos indica o aumento da taxa de fecundidade entre as mulheres jovens de 15 a 19 anos, enquanto que para as mulheres de outros grupos de idade ocorreu uma queda neste índice. No âmbito dessa discussão, é preciso destacar as contradições que revestem o exercício da sexualidade entre os jovens. Novas condições começaram a ser gestadas para a aceitação da atividade sexual para além da esfera do casamento, rompendo com uma restrição imposta, sobretudo, para as mulheres. Esse processo, contudo, não foi acompanhado por um diálogo claro acerca da sexualidade nos meios sociais frequentados pelos jovens (como a escola e a família), impossibilitando, assim, uma instrução adequada acerca das responsabilidades que envolvem a vida sexual, como, por exemplo, no que diz respeito ao uso de métodos contraceptivos.

As autoras Maria Luiza Heilborn e Cristiane S. Cabral investigam as implicações desse evento na trajetória de jovens e analisam a maneira como isso afeta a sua inserção na vida adulta. O estudo empreendido pelas autoras aponta que grande parte dos jovens com filhos possuem baixa escolaridade e se encontram em condições socioeconômicas desfavoráveis. De fato, a chegada de um filho pode levar o jovem a abandonar os estudos e, em muitos casos, pode impulsionar uma união conjugal. Entretanto, os dados da pesquisa realizada indicam que, para uma grande parcela dos jovens pesquisados, o evento da reprodução não significou grandes mudanças em sua trajetória, tendo a saída da escola e a entrada no mercado de trabalho ocorrido antes da chegada do primeiro filho, alguns já estando casados ou residindo com parceiros.

Para a compreensão do sentido da maternidade e da paternidade na vida desses jovens, é preciso ponderar, ainda, o horizonte de valores e relações sociais que envolvem os diferentes grupos sociais. Esses universos simbólicos também são explorados pelas autoras. Elas enfatizam que algumas jovens são socializadas em parâmetros sociais que contribuem para a construção de uma identidade feminina associada à maternidade e ao universo doméstico. Desde a infância, elas ficam responsáveis pelo cuidado de outras crianças e pelos serviços de casa, além de não estudarem. Este contexto pode colaborar para orientar suas trajetórias na direção do evento reprodutivo. Por outro lado, quando o período da juventude é revestido por outras expectativas sociais, como a dedicação aos estudos, a gravidez pode ser vista como precoce e tomada como um evento que desvia as trajetórias de uma direção que seria considerada a mais adequada.

Enveredar-se pelas análises desenvolvidas nos diversos estudos que compõem a obra é como observar uma série de fotografias que registram o cotidiano dos jovens brasileiros. Em alguns desses retratos, vemos meninos e meninas que deixam a escola muito cedo para trabalhar e, dentre eles, alguns se tornam responsáveis pelo sustento de toda a sua família. Outros trabalham e estudam em uma rotina que exige uma grande dedicação e esforço. Há aqueles que permanecem estudando por quase toda a vida e só mais tarde ingressam no mercado de

trabalho, no qual alguns circulam por entre diversas ocupações. Muitos jovens deixam a casa dos pais para residir com parceiros com quem se casam e têm filhos. Outros vão morar sozinhos, mas, muitas vezes, continuam dependendo financeiramente de seus pais. Há aqueles que se casam e se tornam pais e mães, mas permanecem morando com sua família de origem.

A diversidade de experiências revelada por essas imagens resulta de um olhar que procura perceber a juventude em movimento, por meio da análise do processo de *transição para a vida adulta* e, ao mesmo tempo, procura perceber o movimento do mundo para o qual essa juventude se dirige, a *vida adulta em transição*. Os dois aspectos são destacados no título da obra; no entanto, é importante observar que esse título consiste em uma pergunta que nos indaga sobre o peso de cada um desses movimentos: *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* Acredito que possamos responder que essas duas dinâmicas são complementares: por um lado, os diversos trajetos percorridos pelos jovens em direção à vida adulta podem contribuir para uma reinvenção das formas de ser adulto e, por outro, as distintas formas de ser adulto fazem com que os jovens trilhem novos caminhos em sua direção. 🌱

* Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ). A resenha foi elaborada quando a autora cursava a graduação. E-mail: liliamaria.sm@gmail.com

Recebido em 27 de outubro de 2012

Aprovado em 6 de maio de 2013